



AS MÍDIAS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO SOCIAL: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

Cláudia Costa dos Santos¹ (UFPE)

Resumo:

O texto traça a convivência dos educadores com as diferentes mídias sociais na sua prática pedagógica, observando diversos aspectos dos sujeitos, fazem de tais redes um canal de comunicação, disponibilizando informações como programação de atividades, calendários de aulas, avisos e também ofertando conteúdos das aulas e exercícios. Somos levados pela inquietação de saber como os educadores que atuam distantes dos centros urbanos trabalham com as mídias sociais na prática pedagógica. As principais conclusões deste estudo indicam baixa utilização das redes sociais e um baixo domínio em para o uso das ferramentas básicas.

Palavras-chave: Redes sociais. Prática Pedagógica. Mídias.

Abstract:

The text traces the coexistence of different educators with social media in their teaching, observing various aspects of the subject, such networks are a channel of communication, providing information and scheduling activities, classroom calendars, notices and also offering content classes and exercises. We are driven by restlessness to know how the educators who work far from urban centers working with social media in the classroom. The main findings of this study indicate low use of social networks and low domain for the use of basic tools.

Palavras-chave: Social networks. Pedagogical Practice. media

Introdução

As relações sociais estão surgindo com outra forma, diferente de outrora; atualmente, as relações se constituem a partir de um convite de outras para participar da sua rede. Em muitos casos, as pessoas mostram-se satisfeita ao informar que têm n amigos na sua rede, ou têm n^2 seguidores, sem mesmo conhecer a outra pessoa. Tornou-se rotineiro e temos cada vez mais o acesso à internet fazendo parte da composição do lar; inúmeras crianças já nascem no ambiente onde o acesso à rede é um item fundamental daquele núcleo. De acordo com Castells (2005,p.16), “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além



disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia”.

O objetivo desse artigo é analisar o impacto da convivência das mídias sociais na prática pedagógica dos educadores pertencentes ao Programa Social PROJovem Urbano. Buscamos identificar expectativas similares no processo de apropriação das ferramentas disponíveis para navegação e mudança na prática pedagógica a partir das diversas situações trazidas pelos alunos. Os resultados apontam para semelhanças no uso das ferramentas para alguns municípios.

A formação das redes é constituída pelos sujeitos que a compõem, popularizando, democratizando, tornando espaço de criação, de informação, para evidenciar-se tanto pessoal, como profissional. O tema aqui trabalhado nos leva a questionar se estaremos nós, pobres mortais, preparados para a revolução das redes sociais dentro das salas de aula; talvez hoje não tenhamos a resposta, porque também não sabemos onde vai chegar tudo isso.

Além disso, esse espaço coloca na mesma sintonia ideias de pessoas, pessoas que se reencontram após longo tempo, pessoas solitárias atrás de saciar sua solidão através das telas, reuniões em prol favorecendo alguma causa, decorrente das formidáveis ferramentas proporcionadas pela net. Aliás, não se pode deixar de registrar as principais vedetes do momento, o You Tube, o Twitter, o Facebook etc.

Caracterização dos sujeitos e seus espaços de atuação

Os sujeitos que compõem a referida pesquisa constituem-se de 74% de mulheres, 44% estão na faixa etária de 31 a 49 anos, 30% com idade menor que 30 anos e um índice de 26% para os educadores que apresentam idade maior que 40 anos; também se observa que apenas 30% dos educadores têm especialização como sua formação maior.

Os educadores participam do programa PROJovem Urbano que tem como finalidade a elevação da escolaridade visando ao desenvolvimento humano e ao



exercício da cidadania, por meio da conclusão do ensino fundamental, de de uma iniciação qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã” (Portal do Governo, 2010).

O princípio norteador do PROJOVEM URBANO é a integração entre a Formação Básica, a Qualificação Profissional e a Participação cidadã. Atendendo um público na faixa etária de 18 a 29 anos, que não tenha completado o ensino fundamental. Os educadores passam por vários momentos de formação, no início do programa com a formação inicial e mensalmente com a formação continuada. Foi em um desses momentos de formação continuada que reuniu os cinco municípios da GRE de Afogados de Ingazeira -PE - constituídos dos municípios de Afogados da Ingazeira, Serra Talhada, Carnaíba, São José do Egito, Tabira - que conseguimos a participação dos sujeitos dessa pesquisa.

Telecentros e a Inclusão digital

Como iniciativa das políticas públicas de ampliar a inclusão digital em todos os municípios, os telecentros vêm tomando forma mais expressiva, por se tratar de um espaço público existente na comunidade, onde os recursos tecnológicos são disponibilizados de forma gratuita durante o período de uma hora para qualquer cidadão. Entre as diversas atividades que podem ser desenvolvidas no âmbito da inclusão digital pela comunidade local, no Telecentro, destacamos as seguintes:

- Uso livre dos equipamentos;
- Acesso à internet;
- Cursos de informática básica;
- Curso de navegação na Internet;
- Uso preferencial de softwares de plataforma aberta e não proprietária, conforme as diretrizes do Governo Federal;
- Realização de oficinas de capacitação e oficinas diversas que possam utilizar as TICs disponíveis no Telecentro;



- Realização de atividades socioculturais para mobilização social e/ou divulgação do conhecimento;
- Oficinas de alfabetização digital

Pela falta de equipamentos de lazer nesses municípios, esses espaços proporcionam um ponto de encontro com os moradores dessa comunidade, a isso os telecentros têm como objetivo principal a promoção do desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades aos cidadãos. As premissas do projeto dos telecentros são:

- 1) **Inserção do cidadão** na sociedade da informação por meio da utilização de ferramentas de TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação, visando a redução da exclusão digital e social;
- 2) **Implantação de Telecentro** como um espaço público que permita ao cidadão interagir com outros que já tenham acesso aos recursos das TICs, bem como com o Poder Público, por meio dos Portais de Governo Eletrônico;
- 3) **Utilização de ferramentas** (computadores, impressoras, conectividade e outros equipamentos audiovisuais e/ou multimídia), para uso em capacitações e atividades diversas ligadas à Inclusão Digital a todo público alvo¹.

Nos municípios que compõem nosso campo de investigação todos são beneficiados com os telecentros, conforme tabela abaixo:

¹ Texto extraído da cartilha <http://www.mc.gov.br/images/inclusaodigital/telecentros/manuais/Cartilha-Telecentros.pdf>



Disponibilidade de Telecentro por município				
Município	Pop.	Existência do PROJOVEM na escola onde existe telecentro	Nº telecentro/ infocentro	IDEB
Afogados da Ingazeira	34618	Não	06	3,7
Carnaíba	17292	Sim	03	5,1
São José do Egito	29874	Sim	07	4,3
Serra Talhada	70179	Não	12	3,7
Tabira	24752	Não	03	4,2
Pernambuco	8.0796,448	-----	1817	4,1

Tabela adaptada com dados fonte: <http://inclusao.ibict.br/mid/mid.php#det> acesso em 02/07/2011 E do site <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/busca-comparativa>

Conforme a tabela acima, os dados apontam uma assimetria em relação aos dados do IDEB² e da oferta de telecentro; observa-se isso a partir do município de Carnaíba (5,1) possuindo apenas 3 telecentros - tendo em um desses espaços o funcionamento de uma escola do projeto -, traz um índice superior ao índice estadual (4,1), indicando que não é significativa a relação em ter um quantitativo maior de telecentro com o índice obtido para aferição da educação básica. Também o município de São José do Egito, onde funciona uma escola do programa PROJOVEM URBANO, existem 7 espaços de telecentros no município, apresentando um índice um pouco superior ao apresentado pelo Estado, mas inferior ao município de Carnaíba, onde tem um numero menor de telecentros, funcionando em um dos espaços uma escola do programa. Também nos chama atenção o município de Serra Talhada que apresenta um índice de 0,91% da população estadual, possui 12 telecentros e apresenta um índice da educação menor entre os municípios dessa pesquisa. Da mesma forma, acontece no município de Afogados da Ingazeira onde existem 6 espaços de telecentros e o índice da educação apresenta um índice baixo, mesmo ofertando uma quantidade significativa de telecentros.

² Índice de desenvolvimento da educação básica.



Redes sociais e a educação

As TICs favorecem não só a construção e socialização de culturas, influenciando comportamentos, promovendo identidades e oportunidades, mas também proporcionam o acesso ao que se tem produzido em todo o mundo ao longo do tempo, desde que se considere sua ampla democratização, proporcionando o acesso a todos e em todos os lugares.

Assim, pode ser observado o potencial desses importantes meios de comunicação e de informação, não se pode deixar de destacar seu significado para o campo da educação como meio de troca, capaz de ampliar a comunicação e a divulgação de informações, proporcionando mobilidade e realização de ações conjuntas envolvendo sujeitos diferenciados, formando redes de comunicação e principalmente quebrando paradigmas, sabendo que a prática do uso das mídias sociais leva o sujeito a transparecer no circuito de informações suas intencionalidades no sentido de troca e resultando assim numa produção mais colaborativa.

As redes, mais do que uma interligação de computadores, são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. A internet é o ponto de encontro e dispersão de tudo isso. Chamada de redes das redes, a internet é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o ciberespaço (KENSKI, 2007, p.34).

Ingenuidade a negativa de que o uso das redes sociais não faz parte do cotidiano. Inúmeras revistas e pesquisas apontam a força dessa ferramenta nos movimentos da sociedade, articulando passeatas, organizando protestos, discutindo assuntos polêmicos, mostrando-se e colocando em evidência etc.

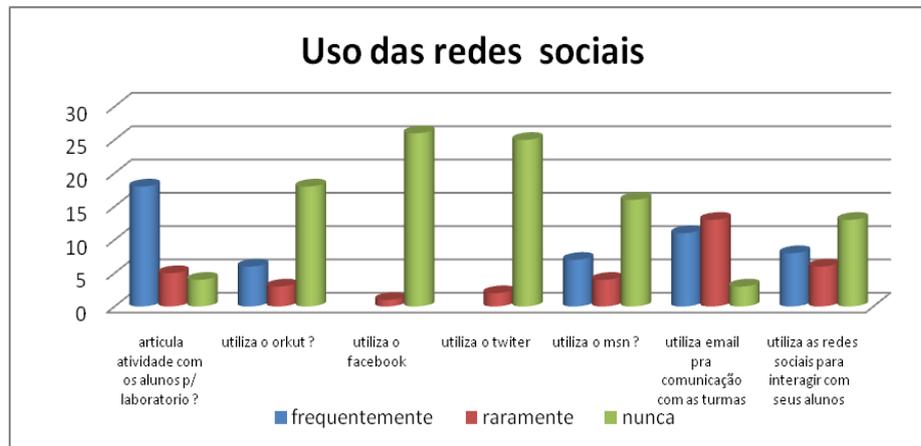


Gráfico 1: referente à utilização das redes

Dos dados obtidos do conjunto dos 27 educadores dos cinco municípios desse estudo, a informação do gráfico 01, percebe-se que a predominância para o não uso das redes sociais é expressiva - categoria “nunca” - o não uso das redes sociais se repete nos diferentes tipos de redes: Orkut (67%); Facebook (96%); Twiter (93%); MSM (59%). Em contrapartida, observa-se o índice significativo, para o uso freqüente do email (41%) como ferramenta de comunicação com os alunos.

Em contrapartida, observa-se que a familiaridade com as ferramentas para acesso à internet, 48% dos educadores informaram que têm um conhecimento avançado no uso para internet e 52% informaram que têm um conhecimento básico para este acesso (consideramos básico o acesso a email). Percebe-se também um índice expressivo para o uso das ferramentas (gráfico 1) apontadas pelos sujeitos, com um índice de 67% dos educadores que informaram que frequentemente articulam atividades com os alunos na ida ao laboratório, contra um índice de 15% dos educadores que informaram nunca articular as atividades com os alunos para a ida ao laboratório, deixando assim um registro preocupante das ações e mecanismo para alinhar as suas práticas com as TICs. Logicamente, para o acesso e o benefício dessa vasta informação que temos na rede, se faz necessária a apropriação das ferramentas.



Gráfico 2 - familiarização com as ferramentas

A questão indagada aos educadores refletiu na familiarização com as ferramentas da informática (gráfico 2 - foram ofertadas três opções como resposta: não sei, básico e avançado). Em consonância com os dados obtidos, observou-se que a maioria dos educadores (70%) não sabe usar a planilha, enquanto que para o básico obteve-se um percentual (22%), e para categoria avançada teve-se apenas (8%).

Também observa-se que para o uso do editor de texto, obteve-se uma familiaridade para o item básico (59%), em contrapartida, educadores que têm um conhecimento avançado (30%) e para os que informaram não saber utilizar essa ferramenta não sei (11%). Quando encaminhamos para a familiaridade, a internet, obteve-se para a categoria avançado (48%) e para o básico (52%). Vale salientar que tais informações são resultado dos dados dos 27 educadores referente aos cinco municípios.

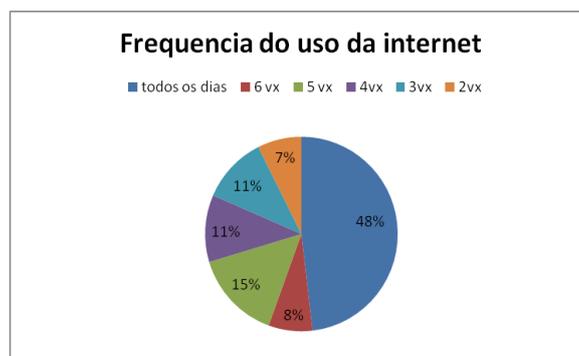


Gráfico 3: uso da internet - dos 27 educadores



Buscou-se também verificar a frequência dos educadores no uso da internet. Em relação a esta questão, foi verificado que o acesso dos educadores é significativo, visto que a maior parte destes acessa a internet todos os dias (48%), os demais sujeitos apresentam resultados decrescentes ao acesso durante a semana, indo do percentual referente a cinco dias (15%) para 2 dias (7%); aqui não se indagou a localidade onde se faz esse acesso.

Convivendo com as mídias

A educação tem encontrado desafios que não são poucos, e que se apresentam no âmbito da formação de professores, dada a carência de um sistema nacional de formação que contemple o tripé: formação, salário e condições materiais de trabalho.

Por outro lado, percebe-se que vem brotando uma tímida movimentação da sociedade em busca do acesso a essas tecnologias, o que significa, no limite, lutas pela efetiva democratização da educação, pelo pleno acesso aos meios de comunicação e, em especial, à internet. Esse destaque deve-se, sobretudo, ao fato de se tratar de um recurso que oferece uma oportunidade de via dupla; por um lado, a chance de oferecer ao mundo os resultados de suas próprias reflexões, experiências, estudos, pesquisas, ou seja, de seu conhecimento, e, ao mesmo tempo, para quem a acessa, ao conhecimento acumulado pela humanidade, disponível na rede.



Gráfico 4: interação com os alunos - dos 27 educadores



Na questão da utilização das redes sociais para interagir com seus alunos, os resultados apontados pela aplicação do instrumento de coleta de dados podem favorecer a observância de que esta variável é mais equilibrada entre os sujeitos da pesquisa, no que se refere à categoria frequentemente (30%) e raramente (22%). Em contrapartida, tivemos um resultado para a categoria nunca (48%) refletindo uma distância dos educadores para utilização dessa ferramenta para interagir com o alunado.

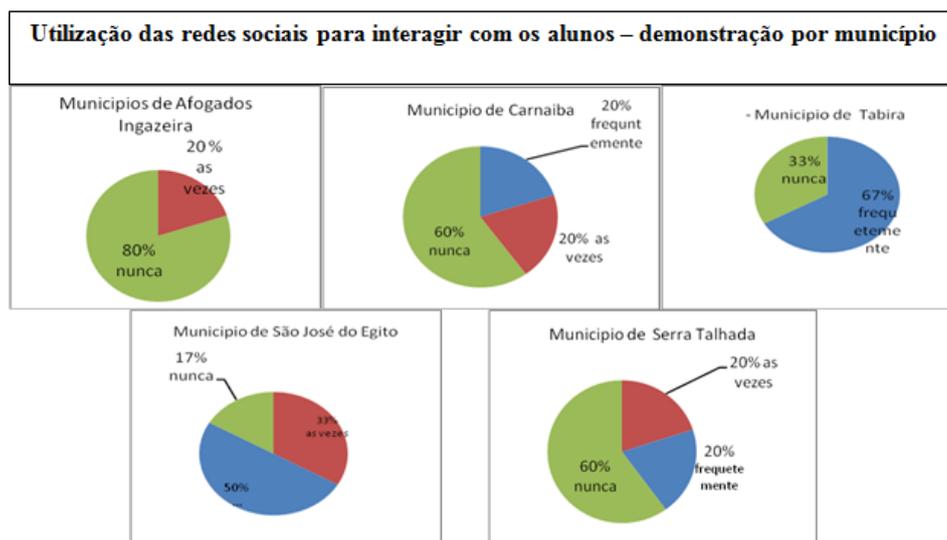


Gráfico 5: comparativo dos municípios

Em busca de entender a questão da utilização das redes sociais pelos educadores e ver as questões de forma unitária, foi realizada a demonstração por municípios. Pode-se observar pelos gráficos acima que os municípios de Tabira (67%) que representa um índice de 0,30% da população do Estado e São José do Egito (50%) apresentando um índice de 0,36% da população do Estado, relacionando-os ao dado obtido, apresentam índices significativos no uso frequente das redes para interagirem com os alunos, da mesma forma, apresentam índices semelhantes para o IDEB, conforme o quadro I.



Em contrapartida, observa-se que os educadores que responderam que nunca utilizam as redes para interagir com os alunos, temos o município de Carnaíba, com um índice de 60%, semelhante ao apresentado pelo município de Serra Talhada. Também chamou a atenção um índice elevado para o município de Afogados da Ingazeira, quando sinalizou um índice de 80% dos educadores que nunca utilizam as redes para interação com os alunos, contra 20% que indicou as vezes utilizarem as redes para interação.

Para fechamento das questões, foi consultado aos educadores numa pergunta aberta: como você lida dentro da sala de aula com as diversas situações que os alunos trazem ou comentam por participarem das redes sociais (Orkut, MSN e etc). A análise das respostas constituiu-se a partir de três categorias:

1 - Visão positiva - na expectativa da busca para uma convivência harmoniosa com as TIC's, conseqüentemente numa aceitação do novo e da aprendizagem coletiva.

“ - Procuo interagir com situações que levem ao sistema de aprendizagem ”
(educador do município de São José do Egito)

Na fala do educador, pode-se verificar a abertura para uma aceitação desse segmento:

“- Estamos vivendo na era da tecnologia, portando devemos conversar sobre essas novas maneiras de comunicação em sala de aula”.
(educador do município de Tabira)

2 - Visão negativa - o uso das redes sociais dentro da sala de aula apontado como pontos negativos - o educador vê a tecnologia como algo ruim, que vai prejudicar a sua prática e vai levar o aluno a ter aversão à forma diferenciada do uso das TIC's.

“Oriento-os para o perigo e que tenha responsabilidade“
(educador do município de Carnaíba)



“Prefiro que eles tratem dessas redes em outro local, porque acho que não contribuem para o desenvolvimento dos alunos, visto que eles deixam de usar a forma correta da ortografia”

(Educador do município de Afogados da Ingazeira)

O educador frisa que o espaço de aprendizagem não comporta novos assuntos do cotidiano que possam contribuir nesse processo de ensino-aprendizagem.

3 - Visão impassível - alguns educadores não responderam a essa questão e os que responderam afirmaram não querer envolvimento com alguma situação posta que venha acontecer:

“ Ainda não ocorreu esse tipo de situação”

(Educador do município de Afogados da Ingazeira)

Os educadores, ao exteriorizarem sua opinião para a convivência das diversas situações que os alunos possam trazer para sala de aula, diminuem as chances de dialogar com seu alunado e conseqüentemente aumentar as barreiras entre professor e aluno:

“A maioria dos alunos tem Orkut e MSN, sendo que a escola proíbe a utilização. Os alunos têm muito interesse que nas aulas tenha um momento para que eles utilizem essas ferramentas, mas não faz parte do planejamento”

(Educador do município de Afogados da Ingazeira)

Outro fator que chama atenção, dentro dessa exposição das falas, são os educadores que mostraram um comportamento arisco na convivência com as TICs; eles pertencem ao município de Afogados de Ingazeira que apresenta um índice de 80% dos educadores que nunca utilizam as redes sociais para interação com os seus alunos. Em contrapartida, os educadores dos municípios que apresentaram índice elevados em relação à mesma questão, apresentam um comportamento aberto à utilização das redes sociais para interagir com os alunos na sala de aula.



Resultados

Os dados apontados na coleta direcionam para a observância de que a presença dos telecentros pode ampliar o acesso à rede, mas não garante a inclusão e o uso do sujeito.

Outro fator instigante que se observa nos dados apresentados mostra que a presença dos telecentros não parece influenciar os dados do IDEB - denunciando que a educação formal está afastada da inclusão digital.

Também é visível que os educadores não apresentam uma vontade natural de buscar uma aproximação com tais ferramentas, de aproveitar as redes sociais como espaços expandidos da sala de aula ou re-inverter as redes sociais dentro das salas de aulas, trazendo as ideias de inovação para a prática educacional, assim sendo, envolvendo o aluno como leitor e torná-lo também um autor, participando como co-criador nesse processo.

A inclusão digital na educação, atualmente, ainda é utópica devido a vários motivos, dentre eles, se destaca a utilização de técnicos em informática, que são contratados com a função de ensinar a utilização correta das ferramentas para o acesso dentro da rede nos laboratórios de informática. MORAN (2003, p.14) ressalta a busca constante do saber, onde o educador deve alinhar sua prática com a contemporaneidade, ou seja, aumentar o diálogo com o seu aluno e estar atento para o que acontece em seu entorno.

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses (MORAN, 2003 p. 16).

Algumas considerações

Faz-se necessário realizar capacitação continuada aos educadores, no sentido de desenvolver ferramentas práticas para enriquecimento do conteúdo ministrado em sala. Educar é um processo complexo que exige neste momento



alterações expressiva por parte dos educadores, dos alunos, dos gestores de todos os sujeitos que habitam os ambientes escolares. É necessário que o professor reveja sua prática, investindo na sua formação, no domínio dos processos de comunicação envolvidos na relação pedagógica e no domínio das tecnologia.

Poderemos avançar mais depressa, sempre tendo consciência de que em educação não é tão simples mudar, existe toda uma ligação com o passado, que alguns educadores não conseguem desprender, é necessário estarmos atentos a um futuro que é bastante imprevisível. Bem da verdade que diante do cenário atual, não sabemos onde vai dar tudo isso, como vai se configurar as estruturas, as práticas, os comportamentos no futuro. Bem sabemos que existirão inúmeras possibilidades de aprendizagem que combinarão ferramentas de aproximação entre o professor e o aluno.

A mudança é lenta, o processo de mudança na educação não é simétrico e nem uniforme. Há uma grande desigualdade econômica, social, de acesso, de motivação, de maturidade das pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos, nem tanto. Precisa-se de inovadores da articulação para a produção do conhecimento.

Referências

BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento. Estudos sobre recontextualização.

Tradução: Maria de Lourdes Soares e Vera Luiza Visocks.

Cadernos de Pesquisa, n.120, p. 75-110. Novembro /2003.

BRANDÃO, Zaia (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2005 (Coleção questões da nossa época; v.35).

Busca comparativa - todos pela educação - disponível em

<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/busca-comparativa/> acesso 02 de julho de 2011

Brasileiros estão nas redes sociais. Disponível no

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/752214-com-86-dos-internautas-brasil-lidera-redes-sociais-e-blogs.shtml> - acesso em 18 de junho de 2010



Cartilha-Telecentro. Disponível no

<http://www.mc.gov.br/images/inclusaodigital/telecentros/manuais/CartilhaTelecentros.pdf>
df acesso em 30 de julho de 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital: uma visão crítica**. São Paulo: Ed. Senac, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

IBICT Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - disponível no

<http://inclusao.ibict.br/mid/mid.php#det> acesso 02 de julho de 2011

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**. O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

_____. **Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época**. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed 34, 1999.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

SANTOS, C. C; CARVALHO, M. N. B. **Perfil do aluno virtual: Um estudo sobre os alunos do curso de especialização em educação à distância na unidade do SENAC - PE - Recife**, 2009.

¹ **Cláudia Costa dos Santos, Mestranda**
Universidade Federal de Pernambuco.
costaclaudya@gmail.com